

A presença da psicologia analítica de Carl Gustav Jung na epistemologia de Gaston Bachelard

*The presence of analytical psychology of C. G. Jung
in the epistemology of Gaston Bachelard*

Teresa CASTELÃO-LAWLESS¹

Philosophy Department Grand Valley State
University Allendale, MI 49544 E.U.A.

Resumo

Bachelard frequentemente se refere à Psicologia Analítica de Jung como uma ferramenta para seus estudos sobre a imaginação criativa e os quatro elementos. Seus trabalhos sobre epistemologia das ciências não fazem referência a Jung mas introduzem a psicanálise freudiana. Portanto, os leitores são levados a acreditar que a análise junguiana está restrita à parte da obra de Bachelard. Uma leitura mais atenta, porém, de seus livros sobre epistemologia (*La formation de l'esprit scientifique* e *La Psychanalyse du feu*, especialmente) e da obra de Jung mostra que a epistemologia bachelardiana precisa ser estudada a partir dos conceitos junguianos de estrutura da vida psíquica para podermos descrever o que Bachelard chama de "obstáculos epistemológicos" para o progresso das ciências e como eles representam a estrutura fundamental para explicar o mundo físico. Eu esclareço e amplio tal influência e também demonstro onde Bachelard acompanha Jung e soluciona o problema ontológico dos objetos científicos postulados pela mente.

Palavras-chave: Bachelard; Jung; Psicologia Analítica; Epistemologia.

Abstract

Bachelard references Jung's analytic psychology as a tool for his study of the creative imagination and the four material elements frequently. His works in the epistemology of science do not refer to Jung but instead to Freudian psychoanalysis. Readers are therefore led into believing that Jungian analysis is restricted to half of Bachelard's work. But a close reading of both his

⁽¹⁾ Teresa Castelão-Lawless recebeu em 26 de agosto do ano corrente o Distinguished Contribution in a Discipline Award da Grand Valley State University Community (EUA), onde é professora associada do departamento de Filosofia.

epistemological works (especially *La Formation de l'esprit scientifique* and *La Psychanalyse du feu*), and Jung's work shows instead that Bachelardian epistemology is a case study in the application of Jungian conceptions on the structure of the psychic life to the description of what Bachelard calls "epistemological obstacles" to the progress of science and how they represent deep-seated explanatory frameworks about the physical world. I clarify the extent of that influence and also demonstrate where Bachelard goes beyond Jung and solves the ontological problem of scientific objects postulated by the mind.

Keywords: Bachelard; Jung; Analytical Psychology; Epistemology.

Introdução

As referências bibliográficas que Bachelard faz aos trabalhos de Jung são frequentes nos seus livros sobre a imaginação da matéria tais como *L'Eau et les rêves* (1942), *La Terre et les rêveries de la volonté* (1947), e *La Terre et les rêveries du repos* (1948). Esta tendência continua na obra *La Flamme d'une chandelle* (1961) e nos *Fragments d'une poétique du feu* (1988). É aliás em *L'Eau et les rêves* que Bachelard confessa ter finalmente compreendido a importância revolucionária das "novas psicologias," pois elas demonstram que todo o drama se passa "nos confins do inconsciente e do consciente." (BACHELARD, 1942, p. 65) A sombra de Jung também se sente no estudo que Bachelard faz do bestiário de *Lautréamont* (1940), onde os complexos e os instintos de sexualidade e de agressão são utilizados para pôr em relevo as energias contraditórias que emergem dos textos de Isadore Ducasse. Mas, antes dos trabalhos acima mencionados, Bachelard já tinha utilizado a psicologia analítica em alguns dos seus livros sobre a epistemologia científica, especialmente *La Formation de l'esprit scientifique* (1938). Aí, o nome de Jung não aparece referenciado explicitamente. Pelo contrário, *La Psychanalyse du feu* (1938), que Bachelard considera como uma "ilustração das teses expostas na *La Formation de l'esprit scientifique*," (BACHELARD, 1938b, p. 111) é o lugar onde, segundo o autor, "nós vamos reunir e completar as observações de C.G. Jung dedicando especial atenção à fraqueza das explicações racionais" (BACHELARD, 1938b, p. 47) e "onde

nos propomos como C.G. Jung procurar sistematicamente os componentes da libido em todas as suas actividades primitivas." (BACHELARD, 1938b, p. 61).

Um dos modos de fazer notar o peso das convicções analíticas na epistemologia bachelardiana é uma enumeração dos conceitos que Bachelard extrai directamente do vocabulário técnico inventado por Jung. "Complexo," "inconsciente colectivo", "anima e animus," "extrovertido e introvertido," e "arquétipo" são termos comuns que as identificam. O outro processo é o de afirmar que a originalidade de Bachelard advém da sua decisão de psicanalisar objectos em vez de pessoas. Mas eu penso que existe um outro Jung mais profundamente inscrito nos seus textos epistemológicos do que uma leitura superficial não poderia de todo revelar, especialmente na ausência de um conhecimento genérico da obra de Jung.

O meu estudo sugere que Jung está presente nos níveis mais profundos da epistemologia científica bachelardiana. A descoberta deste "terceiro Jung" requer não uma descrição das partes dos textos de Bachelard onde a inspiração jungiana é aparente por causa da terminologia técnica, mas uma espécie de hermenêutica, apoiada por fragmentos da obra de Jung, dos textos onde os traços da psicologia analítica são apenas indirectamente perceptíveis. Pode-se então verificar que as concepções Bachelardianas no que diz respeito ao inconsciente do conhecimento objectivo estão imbricadas com a estrutura da vida psíquica tal como ela é descrita por Jung. Esta sobreposição da psicologia analítica com a formação do espírito científico, bem como a tentativa extremamente bem

conseguida por parte de Bachelard em fazer da segunda um caso particular da primeira é verdadeiramente a sua “contribuição para uma psicanálise do conhecimento científico.” Também menciona demonstrar o modo inédito pelo qual Bachelard associa esta psicanálise do conhecimento científico com a necessidade de construir socialmente os objectos da ciência. A triangulação entre o inconsciente racional, os obstáculos epistemológicos, e o pensamento científico discursivo está inextricavelmente ligada à ontologia científica de Bachelard. A relação que Bachelard estabelece entre os objectos do espírito e o mundo resulta em ciência. Ao mesmo tempo, ela ajuda-o a evitar o relativismo sugerido por Jung quando ele último põe em relevo a historicidade do conhecimento e a continuidade entre o físico e o psíquico sem demonstrar satisfatoriamente como é que elas permitem a objectividade em ciência.

Jung e Bachelard nos textos

Na obra *Símbolos de Transformação* (1912), Jung distingue o pensamento dirigido ou adaptado do pensamento fantasista ou do devaneio. O primeiro “é um fenómeno completamente consciente.” (JUNG, 1912, p. 42). Ele “opera com os elementos do discurso a fim de comunicar, [e] é difícil e fatigante; o segundo acontece sem esforço, trabalha espontaneamente com os seus conteúdos prontos-a-usar, e é guiado por motivos inconscientes. Um deles produz inovações e adaptações, copia a realidade, e procura agir sobre ela, liberta as tendências subjectivas e, no que diz respeito à adaptação, é improdutivo,” (JUNG, 1912, p. 27-28) pois corresponde ao “antigo estado de espírito.” (JUNG, 1912, p. 40). É por intermédio do pensamento fantasista que “o pensamento dirigido é posto em contacto com as camadas mais velhas do espírito humano [...]. Os produtos da fantasia que envolvem o inconsciente directamente” são os devaneios, os sonhos ordinários, e os complexos (JUNG, 1912, p. 42).

Bachelard faz uma distinção semelhante ao estabelecer a diferença entre o pensamento discursivo do conhecimento científico e o devaneio do sujeito solitário. A racionalização e a abstração sem imagens exigidas pela ciência implicam um trabalho e uma disciplina enormes da parte do sujeito-investigador. Quando se faz ciência, deve-se recalcar o que no espírito é mais ancestral e que re-emerge com toda a sua força sempre que se sai do laboratório para se entrar na vida quotidiana. Para Bachelard, “a acção dos valores inconscientes [encontra-se] na própria base do conhecimento científico e empírico.” (BACHELARD, 1938a, p. 27). A actualização constante dos elementos do devaneio no acto da primeira observação é portanto a marca indelével do ser humano. Como Bachelard faz notar, “psíquicamente, nós somos criados [...] e limitados pelo nosso devaneio, pois é o devaneio que desenha os confins últimos do nosso espírito.” (BACHELARD, 1938b, p. 187). A ciência “forma-se mais por cima de um devaneio do que por cima de uma experiência, e são precisas muitas experiências para apagar as brumas do sonho [songe].” (BACHELARD, 1938a, p. 48).

A prova da onipotência do devaneio também advém, como dissemos, do seu retorno sempre que o pensamento científico é interrompido, ou quando o sujeito está distraído, fatigado, ou ocupado com um trabalho de natureza monótona. Assim, é preciso obrigar o espírito “a um pensamento discursivo que, longe de continuar o devaneio, o pára, desagrega, interdita.” (BACHELARD, 1938a, p. 47). Como Jung também o faz notar, o pensamento fantasista ocupa “uma porção enorme do homem moderno e aparece também sempre que o pensamento dirigido desaparece. O mais fraco desinteresse, ou a mais ligeira fadiga, são [para isso] suficientes [...]” (JUNG, 1912, p. 37). O devaneio constitui para Bachelard um dos obstáculos epistemológicos ao desenvolvimento da ciência. Portanto, uma experiência neutra, que afastasse do sujeito todos os traços de ancestralidade,

é para ele tão difícil de conseguir quanto o é para Jung realizar uma separação completa entre o consciente e o inconsciente no sujeito.

Para Jung, a estrutura da vida psíquica inclui o consciente e o inconsciente. A sua fluidez e inseparabilidade são asseguradas por uma terceira camada entre os dois a que Jung chama de inconsciente pessoal. É a zona dos complexos que, por seu turno, estão enraizados nos arquétipos do inconsciente. Os complexos garantem o contacto entre o consciente e o inconsciente. Para Bachelard, o estudo do pensamento científico consiste igualmente em identificar indirectamente o arquétipo, isto é, a imagem “que tem a sua raiz no inconsciente mais longínquo... que vem de uma vida que não é a nossa vida pessoal e que não se pode estudar senão por referência a uma arqueologia psicológica.” (BACHELARD, 1948b, p. 263-264). Ela deve então passar pelo exame “de uma zona menos profunda onde se desenrolam os instintos primitivos; e é por essa zona ser intermediária que tem uma acção determinante no pensamento claro, no pensamento científico.” (BACHELARD, 1938a, p. 29). É a zona do devaneio, que corresponde para Jung a uma das realizações do pensamento fantasista. Portanto, Bachelard parece concordar com a sugestão de Jung segundo a qual “toda a ciência é função do psíquico, e todo o conhecimento está nele enraizado.” (JUNG, 1946, p. 49). Mas, de uma forma ou de outra, “o devaneio tem necessidade de ser descarregado.” (BACHELARD, 1938b, p. 209). E quando se lança um olhar à história do desenvolvimento do pensamento científico, constata-se que a descarga mais forte deste inconsciente foi por intermédio da Alquimia.

Jung e Bachelard veem na Alquimia dos séculos XVII e XVIII o exemplo perfeito de um conhecimento que, como Bachelard nota, é “atravessado por um imenso devaneio sexual,” (BACHELARD, 1938b, p.93) que tem as suas raízes mais profundas no inconsciente. De resto, o pensamento dirigido ou discursivo está dela ausen-

te, pois a auto-crítica exigida pela ciência moderna não existia em épocas mais antigas e mais mitológicas do espírito humano, que Jung chama de clássico e Bachelard de pré-científico, e onde as pessoas preferiam utilizar as suas energias criativas “num tipo de pensamento mais próximo do pensamento fantástico.” (JUNG, 1912, p. 30). Como Jung afirma, o pensamento dirigido que possuímos no presente, incluindo a ciência, é “mais ou menos uma aquisição moderna.” (JUNG, 1912, p. 25). Assim, o que a alquimia oferecia ao homem clássico não era uma ciência, mas um mundo completamente alienado da realidade, “correspondendo exactamente às fantasias subjectivas.” (JUNG, 1912, p. 31).

Bachelard consagra parte considerável da obra *La Formation de l'esprit scientifique* à caracterização do espírito pré-científico que emerge da sua leitura dos textos dos alquimistas para chegar à mesma conclusão que Jung. De facto, a sua análise dos documentos da filosofia natural até ao século XVIII mostra que o espírito pré-científico está sempre presente nos textos de indivíduos tais como Bacon, Priestley, Boerhaave, e Lavoisier. Isso é possível porque, tal como acontece no caso da linguagem em geral para Jung, “é um instrumento [e prova] do desenvolvimento e da conservação da intenção (do sentido) psíquico.” (JUNG, 1912, p. 23). Onde se pensa que a ciência já está a ser feita, Bachelard demonstra que são sempre as fantasias colectivas que passam pela verdade sobre a estrutura do mundo. De resto, elas estão sempre presentes no espírito e na ciência moderna sob a forma de “vagas de fundo vivas,” (JUNG, 1912, p. 29) pois “as condições antigas do devaneio não são eliminadas com a formação do espírito científico... O devaneio retoma sem cesso os temas primitivos [...] não obstante o sucesso do pensamento elaborado, [e] contra as próprias instruções das experiências científicas.” (BACHELARD, 1938b, pp.15-16).

O inconsciente colectivo perpetua-se em todas as expressões culturais, incluído em ciência,

onde se encontra mais disfarçado por um consciente colectivo mais lógico e mais racional. Sendo assim, diz Jung, “o que é fictício para o conhecimento objectivo permanece (...) profundamente real e activo para os devaneios inconscientes.” (BACHELARD, 1938b, 44). No entanto, a história demonstra para Bachelard que a evolução da ciência não corresponde apenas a um disfarce mais sofisticado das fantasias, mas também a uma libertação gradual, pelo espírito científico auto-crítico, aberto e dinâmico, dos obstáculos que ele vê aparecerem sempre no acto de conhecer imediato e primeiro. A perenidade do inconsciente sob a forma de pensamentos e de associações fixas e fantasistas, a “permanência do alquimista sob o engenheiro,” (BACHELARD, 1948b, p.16) ou mesmo a vida surda das crenças do século XVII presentes no consciente colectivo, são facilmente identificadas quando se tenta ensinar ciência aos jovens. Aliás, a recorrência dos obstáculos ao conhecimento objectivo ao longo da história da ciência e no desenvolvimento do pensamento científico do indivíduo é imediatamente reconhecida por Bachelard. Para ele, “a noção de obstáculo epistemológico pode ser estudada no desenvolvimento do pensamento científico e na prática da educação,” (BACHELARD, 1938b, p. 17) pois face ao real “o espírito nunca é jovem. Ele é mesmo muito velho, pois tem a idade dos seus preconceitos.” (BACHELARD, 1938b, p. 14). No caso da aprendizagem da ciência, o obstáculo ilustra precisamente uma correspondência entre ontogenia e filogenia. Como Jung também já tinha reconhecido, é possível observar o paralelismo entre o pensamento mitológico do homem antigo e uma forma de pensamento semelhante nas crianças, nos primitivos, e nos sonhos.

Para Jung, o que é aceite como verdade por um grupo social ou por uma cultura inscreve-se nas suas linguagens e em todas as outras formas de comunicação simbólica que a caracterizam. Torna-se assim parte intrínseca do consciente colectivo, e é

portanto difícil de eliminar do pensamento dirigido. Com efeito, “aquilo que é suficientemente forte para formar a vida espiritual de um povo não poderia ter desaparecido sem deixar vestígios na alma humana no curso de várias gerações.” (JUNG, 1912, p.39). Para Bachelard, esta espécie de lamarquianismo do intelecto encontra-se representado, no ensino da ciência, pelos obstáculos que se encontram sempre activos no espírito do aluno. Eles são projecções das valorizações ancestrais do homem primitivo com raízes no inconsciente colectivo, tais como a energia sexual ou o desejo de poder, que Bachelard chama de “base afectiva dos interesses.” (BACHELARD, 1938b, p. 9). Eles constituem também a marca do consciente colectivo do pensamento científico das épocas anteriores, metafísicas tais como o substancialismo, o vitalismo, o coisismo, e todas as imagens materiais que dão “uma imediata e desastrosa satisfação aos espíritos preguiçosos.” (BACHELARD, 1938a, p. 226). Ambos constituem factores de resistência à mudança do pensamento comum ao pensamento científico. Eles provocam as “dificuldades das abstracções correctas, [...] a insuficiência dos primeiros esboços, [e] o peso dos primeiros esquemas” (BACHELARD, 1938b, p. 6) de explicação racional.

A responsabilidade do educador é a de desencorajar a tendência dos alunos a ligarem automaticamente o objecto da percepção imediata com o objecto científico. Primeiramente, esta percepção imediata não é, como já referimos, o resultado de uma observação neutra. Jung fez notar que a estrutura do psíquico não é no início semelhante a um recipiente vazio mas que, pelo contrário, ela é já nessa altura extremamente complicada.² Como Bachelard também disse relativamente ao caso do espírito científico, ele encontra-se carregado de uma massa de valorizações afectivas (BACHELARD, 1938b, p. 54) e de um “apegamento às intuições usuais” (BACHELARD, 1938, p. 225) que são estabele-

² Jung, C.G. “Psychological aspects of the mother archetype”, p.411.

zadas pelos complexos do inconsciente pessoal e pelo conhecimento sancionado do consciente colectivo. Em segundo lugar, não ajuda a formar no espírito do aluno as ideais necessárias ao conhecimento científico, mas apenas as imagens activas características do devaneio. De resto, a “satisfação imediata da curiosidade (...), longe de favorecer a cultura científica, entrava-a.” (BACHELARD, 1938b, p. 29). O trabalho do educador é portanto o de desencorajar constantemente a atracção natural do aluno na direcção dos “centros de falso interesse” (BACHELARD, 1938b, p. 40) constituídos pelos fenómenos demasiado pitorescos, (BACHELARD, 1938b, p. 28) e de encorajar em seu lugar “a valorização racional [e explícita] da experiência que determina um problema” científico. (BACHELARD, 1938b, p. 40). Deve romper-se com o objecto imediato, os hábitos de pensamento, e as valorizações inconscientes das noções de unidade, de coisa, “de totalidade, de sistema, de elemento, de evolução, [e] de desenvolvimento,” entre outras. (BACHELARD, 1938b, p. 18). Também é preciso exorcisar a influência da primeira aproximação, sempre impura, do psíquico ao objecto. Para Bachelard, ‘romper’ e ‘exorcisar’ constituem assim duas metodologias ao mesmo tempo pedagógicas e terapêuticas da ciência moderna.

Para Jung, o mundo físico não pode ser observado senão a partir do psíquico.³ Sendo assim, mesmo o conhecimento científico é construído a partir dos elementos da psique. Não se pode nunca pensar de fora de si próprio. Bachelard também acredita nisto. Em primeiro lugar, ele diz-nos que uma teoria que já foi útil no passado pode tornar-se, quando transformada em hábito intelectual, num obstáculo epistemológico ao progresso do pensamento. Aqui o problema não é tanto ao nível dos erros do sujeito individual, mas antes ao nível da “regularidade na dialéctica dos erros”

(BACHELARD, 1938b, p. 20) que vêm do consciente colectivo. Em segundo lugar, Bachelard nunca localiza os obstáculos senão dentro do espírito. Finalmente, faz notar que os obstáculos e os erros são essenciais na produção do conhecimento. Com efeito, Bachelard afirma que “não se trata de considerar os obstáculos externos, como a complexidade e a fugacidade dos fenómenos, nem de incriminar a fraqueza dos sentidos e do espírito humano; é no acto mesmo de conhecer, íntimamente, que aparecem, por uma espécie de necessidade funcional, as lentidões e as perturbações.” (BACHELARD, 1938b, p. 13).

A formação “defeituosa” do psíquico não vem senão da marca deixada [imprint] pela força da cultura e das normas sociais no sujeito individual. Jung afirma então que “quanto mais o inconsciente colectivo está carregado, mais o ego perde a sua importância prática. Este absorve-se nas opiniões e nas tendências do consciente colectivo, e o resultado é o homem em massa, a vítima sempre pronta de um “ismo” qualquer.”⁴ De resto, Jung reconhece que a tendência à unilateralidade das interpretações do mundo social e cultural aparece na ciência moderna com a mesma força com que já tinha ocorrido na ciência medieval. Ela corresponde hoje “a uma regressão no desenvolvimento psíquico.”⁵ O que se deve fazer é evitar a identificação completa entre o ego e a consciência colectiva.⁶

O perigo dos hábitos intelectuais em ciência e em filosofia da ciência é também evidente para Bachelard. O substancialismo, o animismo, o vitalismo, e outros “ismos” tais como o positivismo, o materialismo, o convencionalismo, tornaram-se durante muito tempo nas crenças metafísicas associadas a um consciente colectivo cujas raízes se tornaram gradualmente invisíveis. Eles são as marcas do pensamento esclerosado que transforma os

⁽³⁾ Jung, C.G. “On the Nature of the psyche”, p. 110.

⁽⁴⁾ Ibid., p. 113.

⁽⁵⁾ Ibid., p. 115.

⁽⁶⁾ Ibid., p. 115.

devaneios do inconsciente colectivo e do conhecimento perecido em conhecimento objectivo, em vez de num pensamento em estado de mobilidade permanente. A solução é sempre a de dizer *não* a todos os conhecimentos que parecem absolutos e definitivos. Eles não são senão as representações colectivas dos erros, ou apenas correctas enquanto instâncias locais de aplicação científica. Por isso, eles devem ser, no primeiro caso transcendidos, e no segundo caso delimitados, por pensamentos cada vez mais racionais.

A construção racional dos objectos e a objectividade em ciência

Mas se não podemos nunca libertar-nos de nós próprios e dos obstáculos intrínsecos ao acto de conhecer, e se o conteúdo do espírito do sujeito é sempre uma mistura inextricável de elementos conscientes e inconscientes em relação aos quais se é praticamente cego, então parece que toda a objectividade em ciência esta perdida. Jung admite que “sómente um objecto que foi postulado pode ser completamente explicado racionalmente, pois ele apenas não conteve nunca senão aquilo que é postulado pelo pensamento racional.” E a seguir acrescenta, acrescentando que “a ciência empírica também postulou racionalmente objectos limitados desde que tenha deliberadamente excluído o accidental e não considere o objecto real na sua totalidade.”⁷ O problema é que, para Jung, nunca existe uma união (ou uma correspondência) entre estes objectos racionalmente postulados e o real independente do psíquico. Aliás, a racionalidade dos objectos distancia-os mais do que os aproxima dessa realidade. De resto, ele afirma que os valores objectivos dependem sempre da época de onde emergem. É sómente o mundo histórico que os declara objectivos. Têm portanto uma objectividade meramente localiza-

da. É apenas o momento histórico que lhes dá legitimidade epistémica.⁸

A resposta de Bachelard não difere radicalmente da dada por Jung no que diz respeito à ontologia dos objectos racionais, à validade objectiva das teorias científicas, e a sua dependência histórica. Para Bachelard, os objectos da mecânica quântica são construídos exclusivamente pela razão. Enquanto objectos puros, não estão ligados ao inconsciente. Contrariamente aos objectos impuros do devaneio, da observação imediata, e da idade pré-científica, aos objectos puros da razão faltam as raízes psíquicas que a sua ligação aos complexos exigiria e, por seu intermédio, aos arquétipos. A sua pureza relativamente ao peso das afectividades do ego completo permite a sua aproximação ao real. Os objectos matemáticos são os mais objectivos de todas as criações do espírito humano. Assim, e finalmente ao contrário do que Jung afirma, quando o espírito os formula e os verifica tecnicamente, o espírito toca simultaneamente a realidade fora de si próprio. Ele toca “esse mundo inerte que não vive a nossa vida, que não sofre de nenhuma das nossas penas, e que não se exalta com nenhuma das nossas alegrias.” (BACHELARD, 1938b, p. 12). Quando a ciência realiza esta rara união entre o espírito puro (sem raízes mergulhadas no inconsciente ou nos complexos) e a realidade física, ela não é relativa à história, mas é, pelo contrário, trans-histórica, sancionada de uma vez por todas, completamente objectiva.

Conclusão

A construção social dos objectos em ciência implica a criação racional de objectos puros acoplada com a correspondente verificação técnica feita pela comunidade científica. Esta construção não corresponde a um enfraquecimento dos

⁷ Jung, C.G. “Psychological types”, p. 333.

⁸ Ibid., p. 334.

critérios de objectividade mas ao seu melhoramento gradual. É portanto possível ter objectivamente acesso a um mundo físico fora do mundo psíquico sem todavia (e o que seria impossível) se abandonar o subjectivo. Em ciência, o sujeito pode finalmente tocar o objecto.

A maioria dos filósofos da ciência de hoje já não aceitam a demarcação rígida entre o sujeito e o objecto característica do positivismo tradicional. Mas a rejeição desta separação levantou problemas novos para os estudos da ciência. Se não se pode sair do ponto de vista do sujeito para observar o mundo de modo neutral, então a ciência transforma-se numa forma de subjectividade colectiva. E se a objectividade também é impossível por causa da infecção da observação por parte das energias, dos valores, dos hábitos, e do esqueleto cognitivo e cultural que os justifica, a ciência não é senão o que é definido como tal por aqueles que detém o poder político e a retórica para o manter. Vários foram os filósofos que tentaram sair desta concepção relativista e construtivista da ciência sem no entanto caírem no positivismo tradicional. Mas o resultado da procura de uma posição intermediária entre a objectividade da demarcação entre o sujeito e o objecto, e a subjectividade da continuidade entre os dois nunca me pareceu convincente.⁹ A resposta de Bachelard parece-me ser, no entanto, uma tentati-

va positiva na direcção da solução do dilema que se estabeleceu entre positivismo e o relativismo, quando demonstra que a objectividade em ciência é possível e ao mesmo tempo se faz sempre do lado de dentro do sujeito.

Bachelard não admitiu frontalmente nos seus livros de epistemologia as instâncias em que as suas posições relativamente à formação do espírito científico se cruzam quase *ipsis verbis* com as propostas da psicologia analítica de Jung. Mas também é um facto que Bachelard tentou sair do impasse epistemológico deixado por Jung. Contribuiu assim de um modo original para a desconstrução do conhecimento científico sem ter que rejeitar simultaneamente a objectividade em ciência e portanto a possibilidade da sua correspondência com a realidade física fora do sujeito pensante.

Bibliografia

BACHELARD, G. *L'Eau et les rêves*. Paris: José Corti, 1942.

_____. *La Formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin, 1938a.

_____. *La Psychanalyse du feu*. Paris: Presses Universitaires de France, 1938b.

JUNG, Carl G. *The Basic Writings of C.G. Jung*. New York: The Modern Library, [s/d].

⁽⁹⁾ Excepção à regra é, a meu ver, a filosofia da ciência de Karl Popper.